

UNDOKAI E SHINNENKAI: MANIFESTAÇÕES CULTURAIS JAPONESAS EM UMA LOCALIDADE GERMÂNICA (IVOTI/RS)

UNDOKAI AND SHINNENKAI: JAPANESE CULTURAL MANIFESTATIONS IN A GERMAN LOCALITY (IVOTI/RS)

Giovanna Aparecida Lisboa Dai-Prá **1**

Magna Lima Magalhães **2**

Claudia Schemes **3**

Resumo: O presente trabalho aborda a imigração japonesa ocorrida no Brasil, mais especificamente no sul do país, e a organização da colônia de japoneses em Ivoti, município localizado no Vale dos Sinos. Objetiva-se discutir a relação estabelecida entre identidade e manifestações culturais através de dois eventos presentes no calendário de festividades dos descendentes de imigrantes nipônicos: o festival Undokai, que se destaca pelas competições esportivas e que serve de momento e espaço de confraternização e, o Shinnenkai, festividade vinculada ao Ano Novo japonês. Tais manifestações são compreendidas nesse estudo como incentivadoras de laços de pertencimento e de compartilhamento de elementos culturais que fomentam um reconhecimento identitário. O estudo, além da pesquisa bibliográfica, respalda-se nos jornais locais, como uma fonte de pesquisa e na oralidade como forma de valorizar percepções e memórias acerca das festividades e sua relevância.

Palavras-chave: Japoneses. Festividades. Ivoti. Manifestações Culturais.

Abstract: The present work deals with the Japanese immigration that took place in Brazil, more specifically in the south of the country, and the organization of the Japanese colony in Ivoti, a municipality located in Vale dos Sinos. The objective is to discuss the relationship established between identity and cultural manifestations through two events present in the festivities calendar of the descendants of Japanese immigrants: the Undokai festival, which stands out for its sports competitions and serves as a time and space for socializing, and the Shinnenkai, festivity linked to the Japanese New Year. Such manifestations are understood in this study as encouraging ties of belonging and sharing cultural elements that foster an identity recognition. The study, in addition to bibliographic research, is supported by local newspapers as a source of research and orality as a way of valuing perceptions and memories about the festivities and their relevance.

Keywords: Japanese. Festivities. Ivoti. Cultural Manifestations.

-
- 1** Graduada em História. Mestra em Processos e Manifestações Culturais. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8216335898897681>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1543-5926>. E-mail: giovannadp@feevale.br
 - 2** Doutora em História (Unisinos/RS). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8030701386970471>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9661-4178>. E-mail: magna@feevale.br
 - 3** Doutora em História pela PUCRS, Porto Alegre/RS. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2019632516405974>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8170-9684>. E-mail: claudias@feevale.br

Introdução

No Brasil, políticas públicas estabelecidas na segunda metade do século XIX causaram um intenso fluxo migratório que perdurou durante a primeira metade do século XX, buscando principalmente europeus como força de trabalho sobretudo nas áreas rurais. Entre 1900 e 1945, estima-se que vieram 939.535 portugueses, 489.146 italianos, 390.184 espanhóis, 188.615 japoneses e 144.689 alemães, sendo essas as principais etnias vindas para o Brasil nesse período (TAKEUCHI, 2007).

Apoiado nesses dados, este trabalho aborda o processo migratório japonês para o Sul do Brasil, na cidade de Ivoti/RS, e analisa duas manifestações culturais importantes para as questões de memória, identidade e pertencimento a um grupo ou comunidade originadas no Japão e trazidas, adaptadas e transmitidas pelos imigrantes.

A primeira delas é o festival *Undokai* que se caracteriza pelas competições esportivas, visando a confraternização dos participantes; e a segunda é o *Shinnenkai*, festividade ligada ao Ano Novo japonês. A importância em abordar esses eventos se deve ao fato de que remetem a símbolos e a representações que compõem e se originam de uma identidade nacional (HALL, 2002), servindo como lugares de memória e de construção, coletiva e individual, de uma memória ligada ao sentimento de identidade (NORA, 1993; POLLAK, 1992).

Pretendemos com este artigo entender como estas festividades presentes na comunidade possibilitam a percepção de elementos constituintes da identidade dos seus integrantes, pois estas manifestações culturais carregam imagens, discursos e símbolos que permitem compreender uma determinada comunidade, principalmente na esfera cultural (NEGRINE; BRADACZ, 2006; OZOUF, 1995).

É importante ressaltar, também, que a colônia japonesa de Ivoti está incluída na Rota Romântica, empreendimento que impulsiona o turismo e atividades culturais desde o município de São Leopoldo até a Serra Gaúcha, tendo como principal referência uma herança cultural germânica e italiana trazida pelos imigrantes que ocuparam a região, sendo que essas festividades reavivam as identidades locais (WEBER, 2006).

Realizamos uma pesquisa bibliográfica e utilizamos fotografias e periódicos para podermos realizar um panorama destas manifestações culturais.

Valorizando as narrativas, o trabalho utiliza, também como fonte, entrevistas que foram realizadas com três imigrantes japoneses que vivem na colônia de Ivoti, um estudante de língua japonesa da colônia e a ex-secretária de cultura de Ivoti e frequentadora do local, pois através dos relatos pessoais, foi possível analisar os acontecimentos, os objetivos e os elementos presentes nas festas que são nosso objeto de estudo. As experiências pessoais revelam historicidade e o papel do indivíduo na sociedade em momentos coletivos, fazendo uma ponte entre o pessoal e o histórico, o público e o privado (PORTELLI, 2001).

Os japoneses na cidade de Ivoti/RS

O processo de inserção de imigrantes japoneses na cidade de Ivoti está relacionado com a imigração no período pós-Segunda Guerra no qual o governo japonês incentivava a vinda de seus conterrâneos e, com a ajuda de associações, comprava e financiava terras no Brasil que facilitaram a formação de núcleos coloniais (LEDUR, 2017).

Na década de 1950 um grupo de 26 famílias de imigrantes japoneses que se dedicava principalmente a atividades agrícolas e tinha a intenção de formar uma comunidade encontraram em Ivoti um ambiente propício para o plantio de árvores frutíferas e para a agricultura devido ao clima local. Com o apoio financeiro na preparação da colônia e na construção de casas da *Japan Migration and Colonization (JAMIC)*¹, eles adquiriram, em 1966, 120 hectares de terra por 500 cruzeiros cada (OLIVEIRA; MARTINS, 2008).

Segundo Ledur (2017, p.49), os primeiros imigrantes que se estabeleceram em Ivoti

¹ Empresa brasileira a serviço do governo japonês, responsável por orientar os imigrantes e auxiliar na compra de terras, concedia linhas de crédito, além de oferecer um programa de medicina preventiva e orientar no aprendizado da língua portuguesa e do território brasileiro (DILLY, 2014).

deslocaram-se de outras cidades gaúchas como Gravataí e Viamão, “sendo que o primeiro a chegar foi o agrônomo e professor Toyohiko Sasada, acompanhado pela esposa Masako e os filhos pequenos Naoko e Koji”. Conforme os primeiros imigrantes chegavam e construíam suas moradias, eles recebiam as novas famílias e ajudavam-nas a também se instalarem em Ivoti. Depois de estruturada a colônia japonesa, a organização foi desenvolvida em torno de uma cooperativa, criada para ser responsável pela venda dos produtos coloniais e para fornecer alimentos e produtos agrícolas aos associados, sendo firmada uma produção familiar e de apoio coletivo.

O núcleo japonês estruturado e organizado em Ivoti ainda é caracterizado como uma área rural e agrícola, embora tenha havido uma queda, ao longo do tempo, no número de famílias que se dedicam à agricultura, em função da profissionalização dos nissei e sansei - filhos e netos dos imigrantes - em outras áreas e, também, a migração para o Japão em busca de trabalho (LEDUR, 2017). Mesmo assim, a Colônia Japonesa de Ivoti pode ser considerada como a maior do estado, sendo que, em 2008, possuía cerca de 145 imigrantes e descendentes de japoneses, e destaca-se no município pela contribuição no crescimento econômico e no turismo local (OLIVEIRA; MARTINS, 2008).

Localizada na região do Vale do Rio dos Sinos² a uma distância de 46km da capital Porto Alegre, o território que atualmente forma Ivoti pertenceu ao município de São Leopoldo, considerado berço da colonização alemã, foi apenas no ano de 1964 que a localidade se tornou um município.

O censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2020, destaca que Ivoti possui uma população aproximada de 24.690 pessoas ficando em 18º entre os 497 municípios do Rio Grande do Sul e o Índice de Desenvolvimento Humano é de 0,784, ocupando o 9º lugar no estado, sendo que a taxa de escolarização entre 6 e 14 anos é de 100%. Em 1969, posteriormente à chegada dos primeiros imigrantes japoneses, a população do município era formada por cerca de 6.810 habitantes, conforme levantamento realizado pela Prefeitura de Ivoti. Já no censo realizado em 1991, 25 anos após a chegada dos imigrantes japoneses, a população ivotiense era composta por 11.299 habitantes, sendo que 91,7% da população declarava-se branca, com predominância de origem alemã, 6,7% declaravam-se negros ou pardos e 1,5%, 172 habitantes, declaravam-se amarelos (WAGNER, 1997).

A economia do município baseia-se principalmente na indústria de alimentos, rações e sucos, produção de hortifrutigranjeiros, laticínios e flores³. No período da chegada dos primeiros imigrantes japoneses, em 1966, até o final da década de 1990, as principais atividades econômicas eram a criação de gado leiteiro; a agricultura, principalmente familiar, com a produção de milho, aipim, cana-de-açúcar, batata doce, frutas e verduras; e o cultivo de flores, favorecido pelo tipo de solo de Ivoti. No censo da prefeitura em 1997, existiam 648 propriedades rurais espalhadas pelo município, sendo que a concentração populacional ainda se encontrava na zona rural (WAGNER, 1997).

As primeiras residências construídas na colônia japonesa eram feitas de madeira e, posteriormente, de alvenaria, conforme a economia local prosperava. Alguns imigrantes ainda ocuparam as poucas casas no estilo enxaimel no local, construídas pelos imigrantes alemães. Além das residências e das construções relacionadas com a produção pecuária e agrícola, os imigrantes também construíram prédios comunitários, pertencentes à associação de moradores e a cooperativas locais, para confraternizações, festividades, prática de esportes, ensino e para a comercialização e distribuição dos produtos cultivados na colônia, substituindo, assim, os galpões improvisados erguidos nos primeiros anos.

Dentre estes espaços comunitários está a Associação Cultural e Esportiva Nipo-brasileira de Ivoti que funciona como um centro, pois reúne os prédios de uso coletivo, como o Memorial da Imigração Japonesa, o mercado da cooperativa, o espaço das feiras de produtos coloniais, o ginásio de esportes, além de um campo de futebol, um espaço para jogar *gateball* (críquete) e uma praça de brinquedos.

Este espaço comunitário está relacionado com a memória dos imigrantes e dos moradores

2 Formado pelos municípios de Araricá, Canoas, Campo Bom, Dois irmãos, Estância Velha, Esteio, Ivoti, Nova Hartz, Nova Santa Rita, Novo Hamburgo, Portão, São Leopoldo, Sapiranga e Sapucaia do Sul.

3 Prefeitura Municipal de Ivoti. Disponível em: <http://www.ivoti.rs.gov.br/dados-gerais>. Acesso em: 13 de maio de 2021.

locais, pois é lá que ocorrem as confraternizações e as festividades da comunidade e onde se localiza o museu histórico - Memorial da Imigração Japonesa de Ivoti -, criado em 2010, seguindo padrões da arquitetura tradicional japonesa, que recebe visitantes locais e de outros municípios e contém um acervo formado por doações dos moradores e da província de Shiga, no Japão, - localidade de onde vieram muitos imigrantes para o Rio Grande do Sul. É um acervo composto por objetos e documentos que preservam a história local dos imigrantes e de seus descendentes revelando seu cotidiano, modo de trabalho, crenças e hábitos pertencentes a um passado, servindo como lugar de memória e de construção, coletiva e individual, de uma memória ligada ao sentimento de identidade através de um passado comum refletido nas imagens e nos objetos que compõem o acervo, pois, conforme Nora (1993, p.9), “a memória emerge de um grupo que ela une, [...] e há tantas memórias quanto grupos existem [...] A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem no objeto”

Outro ambiente de relevância dentro do centro é o prédio da associação dos moradores da colônia, a Associação Cultural e Esportiva Nipo-brasileira de Ivoti (ACENB), espaço destinado a reuniões e festas que é composto por um salão com mesas e cadeiras, cozinha, camarins e um palco. É utilizado para festas, comemorações, eventos e apresentações artísticas, comporta parte das atividades que ocorrem na feira de produtos coloniais e serviu por um tempo como sede da escola de língua japonesa. Sendo assim, o local se destaca, da mesma que o memorial, como ambiente de socialização e de preservação de aspectos e de manifestações culturais dos imigrantes japoneses e seus descendentes.

As manifestações culturais na colônia japonesa de Ivoti

No Brasil, a formação das colônias japonesas está vinculada à união das comunidades que, segundo Weber (2019), constituem-se através de uma relação social fundada na solidariedade sentida, que pode ser afetiva, emocional ou tradicional a partir do compartilhamento de um passado e de uma cultura em comum, da organização social e do desenvolvimento econômico.

Entendemos cultura como um sistema simbólico, um conjunto de mecanismos, regras e instruções que governam o comportamento humano e que conduzem o modo de pensar a agir dos indivíduos que a integram. Para Laraia (1986, p.45) “o homem é resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridos pelas numerosas gerações que o antecederam”.

Essa forma de organização comunitária se vincula ao modelo de imigração que resultou no formato e no trabalho nas colônias que se formaram, seguindo características do modelo estrutural familiar e social tradicional do Japão. Os imigrantes vieram para o Brasil com suas famílias, mas, também, em grupos para o trabalho conjunto, sendo que essa não foi uma situação incomum visto que, no Japão, o grupo doméstico era definido como uma unidade cooperativa definida pelo parentesco e aqui a família também se manteve como uma unidade de produção e de consumo (CARDOSO, 1972).

Através das associações denominadas *Nihonjin-kai* (associações de japoneses), desenvolveram atividades para confraternização para o desenvolvimento da comunidade, como na Associação Cultural e Esportiva Nipo-brasileira de Ivoti que organiza atividades esportivas e culturais tradicionais, difundindo a cultura trazida pelos imigrantes e promovendo a união entre a comunidade, tanto para os moradores da colônia quanto para aqueles que a frequentam (GAUDIOSO, 2016) e, segundo Handa (1987), essas associações cumprem um objetivo de atingir um desenvolvimento do núcleo através da confraternização

Ao tratarmos sobre a temática da imigração japonesa no Brasil e a identidade cultural desse grupo, é relevante apontar que as associações e as cooperativas tiveram papel essencial para a afirmação identitária, pois, conforme Cardoso (1972) ao estudar os imigrantes no estado de São Paulo, essas organizações nascidas principalmente dentro das colônias rurais mantinham uma “relação de aldeia” e eram responsáveis pela unificação dos grupos domésticos. Suas funções são econômicas, religiosas, educacionais e recreativas, reunindo jovens, adultos e idosos, homens e mulheres, sendo a participação “compulsória” e definida pela unidade familiar. “Tal como no Japão, a obrigatoriedade de participação e o poder de coerção são elementos importantes destas

organizações criadas pelos imigrantes em suas comunidades brasileiras” (CARDOSO, 1972, p.124). Através das associações, a colônia não é mais um grupo, mas um “campo de relações potenciais” marcadas por características culturais que definem as identidades desses imigrantes:

É, portanto, a identidade étnica, feita em nome de uma tradição japonesa, que dá base para o aparecimento de núcleos homogêneos, associações e parentelas, através dos quais se organizam as atividades econômicas. Se, no Japão, os grupos domésticos, enquanto grupos locais, se reúnem em associações que são os canais de comunicação com o Estado, aqui as famílias, dispondo de grande mobilidade geográfica se reúnem em sociedades menos permanentes, cuja continuidade depende desta identidade étnica (CARDOSO, 1972, p. 129).

É relevante mencionar que as associações de imigrantes japoneses se formaram em todo o país nas comunidades e nas colônias onde concentravam-se os nipônicos, funcionando como redes de apoio mútuo entre os moradores locais.

Nesses espaços ocorrem, também, festividades criadas pela comunidade, que estão diretamente ligadas à memória e à identidade comum dos imigrantes e seus descendentes. É do interesse da Associação Cultural e Esportiva Nipo-Brasileira de Ivoti (ACENB-Ivoti) a divulgação da cultura japonesa no Brasil, promovendo, inclusive, aulas de língua japonesa para qualquer interessado, independente do município em que vive ou idade, além de auxiliar em processos de intercâmbio entre Brasil e Japão. Entre todas as atividades artísticas e culturais promovidas ou que contam com o envolvimento da associação, destacam-se eventos que pertencem ao calendário da comunidade que se repetem e se renovam a cada ano, compartilhando aspectos culturais, discursivos e cerimoniais que fazem parte das famílias que ali se estabeleceram.

Sendo assim, o estudo das manifestações culturais e das festas revela o imaginário de uma comunidade, uma “armadura” que a humanidade cria através da ritualização, absorvendo do passado aquilo que possui importância no presente, através da repetição e da afetividade. Segundo Ozouf (1995), cada festa possui suas próprias circunstâncias de origem, seus ritos e cerimônias, imagens e discursos e possuem diferentes significados a partir de quem a vê e/ou vivencia e o simbolismo e o discurso presente são absorvidos de diferentes formas por um morador local, por um turista ou por um pesquisador, por exemplo. De acordo com Negrine e Bradacz (2006), a festa é um ambiente de manifestações culturais que apresenta crenças, valores e ideologias próprias da comunidade que as cria através de símbolos como vestimenta, alimentos e celebrações. Também se destaca a relação das festas com a coletividade, a diversão, o lazer, o cotidiano e o turismo.

Nesse trabalho abordaremos duas manifestações culturais que fazem parte do calendário anual da Colônia Japonesa de Ivoti que possuem caráter coletivo e estão relacionadas ao lazer, ao corpo, ao cotidiano dos moradores e às crenças, são elas o undokai - gincana esportiva - e o *shinnenkai* - ano novo.

Undokai

Softball, tênis de mesa, judô e sumô, são vários os esportes praticados na colônia japonesa de Ivoti desde sua fundação. Alguns permaneceram com mais força nas gerações seguintes, como é o caso do tênis de mesa, outros perderam espaço no decorrer dos anos, como o sumô. Porém, uma atividade esportiva que se destaca não apenas em Ivoti, mas, também, entre outras comunidades de imigrantes e de descendentes de japoneses no Rio Grande do Sul é o *Undokai*, gincana esportiva que surgiu no Japão, no período Meiji (1868-1912) com a finalidade de incentivar a interação de comunidades, desde escola até empresas. As atividades que ocorrem nessa festividade são, em sua maioria, coletivas, como cabo de guerra e corrida de revezamento (GAUDIOSO, 2016).

Segundo Handa (1987), o *Undokai* coincidia com as atividades realizadas em comemoração

ao aniversário do imperador Taisho (1912-1926), que era comemorado em 31 de outubro, apesar do governante ter nascido em agosto. O motivo da troca é que em outubro o clima é mais ameno no hemisfério norte e o calor não atrapalharia as atividades esportivas. No Brasil o evento é realizado no mês de maio, também para evitar os dias quentes do verão (HANDA, 1987; SATO, 2011). Handa aponta também que, ainda na vinda para o Brasil, os japoneses realizavam o *Undokai* nas embarcações.

Segundo Handa (1987), o *Undokai* já era praticado nas embarcações durante a vinda dos japoneses. Contudo, não foram apenas os primeiros imigrantes nipônicos que mantiveram a prática do evento, aqueles que vieram para o Rio Grande do Sul, no final da década de 1960, também realizavam a mesma festividade, conservando, inclusive, a comemoração ao aniversário do imperador.

O jornal Diário de Notícias, de Porto Alegre, em 1965 e 1969 registrou o evento como uma festividade relacionada ao imperador Hirohito (1926-1989). A primeira reportagem mostra que a comunidade de imigrantes japoneses, na capital do estado, organizou, em 29 de abril de 1965, uma festa em homenagem ao imperador, “a exemplo do que ocorre em diversos países no mundo em que o império-nipônico mantém sedes diplomáticas” (Diário de Notícias, 29 de abril de 1965, capa), e que, no dia seguinte, na manhã de sábado, seria comemorado o *Undokai*, continuando, assim, as festividades.

A segunda reportagem, realizada quatro anos depois, também associa o aniversário do imperador à festividade: a comunidade de imigrantes japoneses organizou um evento em um clube social e esportivo na capital, um dos mais tradicionais do país, fundado por filhos de imigrantes alemães, a Associação Leopoldina Juvenil. No calendário do evento, destaca-se a realização do *Undokai* no domingo seguinte, no município de Sapucaia do Sul (a 30 quilômetros de Ivoti), recebendo os imigrantes da capital e da região.

Esses eventos eram organizados através das associações formadas pelos imigrantes japoneses que eram responsáveis pela decoração, alimentação e premiações. No Rio Grande do Sul o *Undokai* é realizado todo ano em nível estadual assim como nas comunidades locais. A Associação de Assistência Nipo-Brasileira do Sul, criada em 1970 como uma federação das associações localizadas no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, oferece assistência e realiza atividades culturais para essas instituições, promovendo o evento entre os municípios (GAUDIOSO, 2016).

Segundo relato de Nelson Hayashi, - 64 anos, morador da colônia e descendente de imigrantes japoneses que se mudaram para a colônia de Ivoti -, o evento que ocorre anualmente no final do verão é realizado na cidade de Gravataí, em âmbito estadual, e na Colônia de Ivoti.

Undokai é mais para o verão, porque dá para correr o dia inteiro. Sabe, não sei se tu já participaste aqui na colônia? Aqui ou lá em Gravataí? Lá tem um campo também, uma sede, é uma associação de japoneses do Rio Grande do Sul. Então, também tem as mesmas atividades daqui (Ivoti). Só que lá é no âmbito Rio Grande do Sul. Às vezes, vão os ônibus cheios, de Pelotas, Viamão, Gravataí, Porto Alegre, Ivoti e São Leopoldo. Então, fazemos a competição, as atividades esportivas inter-regionais. Tem cabo de guerra, revezamentos de quatro por 100, quatro por 800 (HAYASHI, 2021).

O *Undokai* é uma atividade praticada entre as comunidades de japoneses e de descendentes, mantendo a cultura e promovendo a interação. Em Ivoti, a gincana recebe, também, visitantes de outros municípios, de todas as idades e tem como principal objetivo a confraternização e o encontro entre as famílias, segundo matéria realizada pelo Jornal NH, em 22 de abril de 2017, quando ocorreu o 45º *Undokai* e foram realizadas 23 provas entre os participantes. A partir da reportagem é possível perceber os elementos culturais mantidos na realização do evento, semelhantes aos apontados por Handa (1987) ao tratar das comemorações realizadas pelos primeiros imigrantes que vieram para o Brasil, como a decoração com bandeirinhas penduradas em barbantes e a similaridade entre as atividades praticadas.

Essas características também podem ser observadas na imagem abaixo, que retrata uma prova de corrida durante o *Undokai* realizado em Ivoti no dia 20 de maio de 1979. A imagem mostra a participação de gerações distintas, crianças, adultos e idosos, as bandeirinhas penduradas sobre a área de competição e as raia desenhadas no chão para as provas. A esquerda e ao fundo da imagem os espectadores observam uma prova de corrida que acontece na colônia de Ivoti, atrás do atual Memorial da Imigração Japonesa em Ivoti. São três raia desenhadas no chão e a fotografia registra a passagem de três competidores,

Figura 1. *Undokai* – Ivoti, 1979



Fonte: Memorial da Imigração Japonesa em Ivoti.

Handa (1987) informa que era costume decorar o espaço da gincana com bandeirolas (presentes na figura 1) e com flores de papel, principalmente com o crisântemo, que é o símbolo da família imperial, e as atividades iniciavam após o hino nacional japonês e a leitura de uma mensagem imperial. Os alimentos e bebidas consumidos no evento costumavam ser trazidos pelos participantes, sendo, normalmente, pratos típicos da culinária japonesa. Ao final da festividade havia a premiação dos vencedores e, também, dos demais participantes, que poderiam receber cadernos e outros materiais escolares, toalhas, sabonetes, alimentos, entre outros. Segundo os moradores da colônia de Ivoti, ainda é mantida a premiação para todos os participantes, com prêmios simbólicos, como alimento ou materiais escolares.

Embora existam provas que contem com a participação de pessoas de diferentes idades, segundo Sato (2021), é comum ter atividades voltadas para crianças e, principalmente, para idosos, visando incluir aqueles que possuem dificuldade de locomoção, sendo que uma das provas criadas tem apenas como objetivo locomover-se até o prêmio para buscá-lo. Outras atividades assemelham-se a atividades desenvolvidas em competições escolares, como registrado na imagem a seguir, que mostra uma prova de equilíbrio na qual os participantes precisam levar de um ponto a outro uma garrafa sem deixá-la cair do bastão ao qual está suspensa.

Figura 2. *Undokai II* – Ivoti, 1979



Fonte: Memorial da Imigração Japonesa em Ivoti.

Kussler, estudante na escola de língua japonesa de Ivoti desde 2018, menciona a respeito desta atividade festiva diz que

Em geral, eles começavam muito cedo, seis ou sete horas da manhã, para organizar a quadra de beisebol [atrás do Memorial]. Eles limpavam o campo, colocavam bandeirinhas e sinalizavam. Organizavam as mesas e no ginásio, onde ocorrem as reuniões e as festas, eles organizavam as comidas, tinha apresentações também, como dança... geralmente eram várias atividades, tanto para crianças pequenas quanto para os adultos e para a terceira idade. Os idosos faziam apresentação de dança tradicional, usando chapéu de palha, leques e chinelos com a base de madeira. Normalmente, eram criadas equipes para as atividades. Faziam corrida com saco, corrida em volta do campo de críquete. Ah, tinha as atividades que eram adivinhação, encontrar objetos... encontrar um objeto da cor verde, por exemplo. Tinha, também, atividades de pergunta e respostas [...], de conhecimentos gerais. [...] Eu sentia que a premiação não era tão importante, era mais pela participação. Se você ficasse em décimo lugar, entre dez competidores, tu ganhavas prêmio também. Para as crianças, eram muito mais para perder o medo de fazer as coisas em público, os mais velhos incentivavam muito, nas vezes em que participei (KUSSLER, 2021).

Além dos esportes, a gincana produz o reconhecimento identitário dos participantes com a festividade por meio dos símbolos presentes que dão, aos imigrantes, nikkeis e nisseis, a ideia de compartilhamento de uma identidade étnica (SATO, 2011). A identificação étnica, segundo Cardoso (1972), ocorre a partir do sentimento de participação em uma mesma coletividade, que consiste na consciência de um passado e de uma cultura em comum. Nas colônias, as ações culturais promovidas pelas associações afirmam essa identidade compartilhada por aqueles que vivem em uma mesma comunidade e que participam dessa organização, sendo suas identidades associadas ao sentimento de pertencimento ao local de socialização, sendo, essa, uma tendência que se sobressai à individualização, assim como afirma Castells (1999, p.79):

As pessoas socializam e interagem em seu ambiente local, seja ele a vila, a cidade, o subúrbio, formando redes sociais entre seus vizinhos. Por outro lado, identidades locais entram em intersecção com outras fontes de significado e reconhecimento social, seguindo um padrão altamente diversificado que dá margem a interpretações alternativas. [...] O provável argumento dos autores comunitaristas, coerente com minha própria observação intercultural, é que as pessoas resistem ao processo de individualização e atomização, tendendo a agrupar-se em organizações comunitárias que, ao longo do tempo, geram um sentimento de pertença e, em última análise, em muitos casos, uma identidade cultural comum.

Essa identidade cultural é mantida através das gerações e passada a partir de tradições que são comuns ao grupo. A participação nas festividades, tanto dentro da colônia de Ivoti quanto junto a outras colônias de imigrantes japoneses na região, é estimulada desde a infância, o que incentiva não apenas o aprendizado das tradições, mas, também, a inserção nas redes sociais. Esse incentivo pode ser observado na fala de Ichiro Sato – 18 anos morador da colônia de Ivoti e neto de imigrantes japoneses:

Eu sempre participei [das festividades] com a minha família [...]. Para mim é algo natural. Tem o undokai, a gente vai. Quando eu era criança participava de todas as provas. [...] Eu gostava muito da corrida de pernas amarradas, eu sempre ia com a Izumi [prima], todo ano a gente ia. Eu já participei algumas vezes do *Undokai* de Gravataí, nós não íamos tanto, mas participei algumas vezes. [...] Lá reúnem as colônias da região e fazem uma competição (SATO, 2021).

Hall (2003), ao tratar sobre identidade cultural, aponta que a cultura é mais do que um conjunto de tradições que remetem a um passado e que molda os indivíduos de acordo com o meio em que vivem, pois ela revela mais sobre um determinado grupo de acordo com o uso feito dos símbolos. É o que fazemos com as tradições que definem nossas identidades culturais, “estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar” (HALL, 2003, p. 44).

Segundo Hall (2003, p.29), a identidade cultural se conecta a um “núcleo imutável e atemporal”, a um passado, um presente e um futuro, uma “linha ininterrupta” chamada de “tradição”. Entretanto, cada vez mais, as identidades tidas como “estáveis” se modificam e se pluralizam por todo o mundo, desde o tempo das grandes navegações entre os séculos XV e XVI, e vêm se intensificando, principalmente, com o processo das migrações livres e forçadas. Dentro desse processo contemporâneo de globalização, permanece uma homogeneização cultural herdada do colonialismo, na qual a cultura ocidental se impõe sobre as demais e domina o mercado cultural, capital e tecnológico. Contudo, um processo oposto, surgido com as migrações contemporâneas, vem descentralizando, de forma vagarosa, os modelos ocidentais e disseminando as diferenças culturais no mundo todo e, mesmo não tendo poder de confrontar a hegemonia ocidental, têm a capacidade de fazer com se assimile “o assalto cultural global sobre as culturas mais fracas” (HALL, 2003, p.45).

Ao abordar sobre a hegemonia ocidental sobre essas civilizações, Hall está tratando sobre as relações de poder estabelecidas a partir uma divisão de mundo construída pela Europa durante o período das grandes navegações e da formação das colônias europeias, principalmente inglesas e francesas, na África, na Ásia e na Oceania. Essa divisão do mundo em duas partes, Ocidente e Oriente, separa o continente europeu de todas as culturas que se distinguem das culturas europeias que, a partir de um processo de colonização e de exploração do “outro”, denominam-se como sendo superiores. Edward Said (2007) utiliza o termo orientalismo para tratar desse discurso que revela

a relação de poder do Ocidente sobre o Oriente, uma forma de pensamento que busca explicar o Oriente a partir da experiência ocidental europeia e como adjacente a ela.

O sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente, assume identidades diferentes em diferentes momentos. As identidades na pós-modernidade são fruto da multiplicação dos sistemas de significação e de representação cultural, de mudanças constantes e permanentes, do rompimento das tradições e do cruzamento das identidades pela pluralidade. As nações modernas são todas híbridas culturais, ainda que a distribuição da globalização ocorra de forma desigual no mundo, sendo que a “proliferação das escolhas de identidade” seja mais ampla nas sociedades ocidentais que dominam os polos culturais (HALL, 2002).

O *Undokai* é, portanto, um exemplo de representação cultural que conecta passado e presente através da tradição. Ele possui um contexto histórico de origem repleto de significado e é repleto de símbolos e rituais que tiveram pouca alteração com o tempo, mantendo uma grande proximidade com a festividade desenvolvida pelos japoneses, tanto no período em que os primeiros imigrantes japoneses vieram para o Brasil, quanto atualmente o que é desenvolvido em espaços sociais como escolas e empresas.

Shinnenkai

A festividade de comemoração do ano novo, o *shinnenkai*, mantém presentes, tanto no âmbito comunitário quanto familiar, hábitos, práticas religiosas, superstições e modos de fazer que possuem origem em aspectos da cultura japonesa e que foram trazidos pelos imigrantes. Handa (1987) trata sobre o ano novo comemorado pelos primeiros grupos de japoneses que migraram para o Brasil e sobre a dificuldade inicial em conseguir preparar muitos dos alimentos que são tradicionais dessa data, pois eram difíceis de adquirir, como o sakê, bebida japonesa obtida pela fermentação do arroz, e o mochi, um tipo de bolinho de arroz. Segundo o autor, as comemorações de ano novo duram três dias, com as famílias e os vizinhos se reunindo, cantando músicas folclóricas, dançando e se preparando para a colheita, em janeiro.

A comemoração do *Shinnenkai*, na colônia de Ivoti, tem sua relevância tanto para o núcleo familiar quanto para a confraternização e a continuidade de costumes que envolvem a comunidade. Segundo a entrevistada Iaioi Ueda Tao - filha de imigrantes e que cresceu na colônia japonesa de Ivoti -, no Japão, o ano novo é considerado mais importante que o Natal, pois é nesse feriado que os japoneses se dedicam à família e às práticas religiosas: “Aqui no Brasil é mais importante o Natal do que o ano novo, né? Mas o ano novo para o japonês é mais importante [...] E não ficam soltando hanabi (fogos de artifício). No Japão, é uma calmaria, as pessoas vão para os templos”.

Entre as famílias, os preparativos para o *shinnenkai* começam dias antes, com a realização da limpeza das casas, com a elaboração de *ikebanas* (arranjos florais), com a preparação dos alimentos tradicionais e com a produção de objetos ligados a aspectos religiosos, como, por exemplo, o *kodomatsu*, uma decoração feita com pinheiro e bambu, semelhante à árvore natalina, que é colocada em frente às casas e aos estabelecimentos para trazer prosperidade, acolhendo os espíritos ancestrais da colheita. A família de Iaioi Tao (2021) costumava fazer o *kodomatsu* para decorar a casa e trazer proteção, conforme informou em sua entrevista:

A minha mãe fazia para a entrada de casa, tinha dois ou três degraus. Ela pegava o matsu (pinheiro) e tinha takê (bambu) lá embaixo no nosso terreno, e ela tentava enfeitar. Não tinha tantos enfeites coloridos, mas, pelo menos, ela fazia como se fossem árvores de Natal. Depois colocava na entrada para trazer bons fluídos, é tudo com relação ao xintoísmo.

Entre os alimentos preparados pelas famílias japonesas, não pode faltar o sobá, macarrão escuro feito de trigo sarraceno, para atrair dinheiro: “na véspera do ano novo, a gente prepara sobá, aquela massinha mais escurinha. É por superstição, mas a gente sempre se lembra de fazer, é como a lentilha na véspera de ano novo” (TAO, 2021). Também é tradição preparar mochi e sopa de

ozoni, especialidade da culinária japonesa que leva verduras e mochi como principais ingredientes, alimentos que costumam ser preparados em conjunto pelos moradores da colônia, como podemos ver na imagem a seguir.

Figura 3. Preparação do mochi, 1982.



Fonte: Memorial da Imigração Japonesa em Ivoti

Entre as atividades de ano novo, Nelson Hayashi (2021) recorda que os moradores se reuniam em um antigo galpão no centro da colônia e preparavam, em um grande pilão, o mochi. Cozinhavam o arroz que era posto no pilão e, enquanto uma pessoa batia a massa, outra ia virando-a. Depois de pronto, os mochis eram consumidos individualmente ou colocados na sopa ozoni, prato que é consumido no primeiro dia do ano e é oferecido aos deuses como forma de trazer saúde, felicidade e fortuna.

A manhã do primeiro dia do ano tem importância na colônia japonesa de Ivoti para confraternização e, principalmente, para a organização da Associação Cultural e Esportiva Nipo-brasileira de Ivoti. Na primeira reunião do ano assumem os novos representantes da instituição e, também, é decidido o calendário de atividades que ocorrerão na colônia durante o ano. Os participantes levam comidas e bebidas para serem consumidas durante o evento e, no final, cantam algumas canções tradicionais de ano novo. Mas, antes, há algumas formalidades que devem ser seguidas:

No outro ano, de manhã, lá pelas oito e meia, nove horas, tem a reunião [da associação de moradores]. Formalmente, a gente vai hastear a bandeira do Japão e do Brasil, cantamos o hino brasileiro e, depois, o japonês. Então, todo mundo entra, o presidente [da associação] do ano anterior dá as boas-vindas, fazemos um minuto de silêncio pelas pessoas falecidas, anuncia que tais pessoas estão completando a maioridade e que tal dia será feita uma homenagem. Depois, são passadas as atividades previstas para o ano. Nós cantamos uma música do ano novo também... todos cantavam enquanto estavam na escola (TAO, 2021).

Segundo os relatos dos nisseis que cresceram na colônia japonesa de Ivoti e que participaram desta pesquisa por meio das entrevistas, o Ano Novo é uma data com grande relevância religiosa, com elementos culturais originados do Xintoísmo e do Budismo, que pode ser comparada ao Natal para as culturas ocidentais e é importante tanto no contexto familiar quanto para a comunidade.

A comemoração do *Shinnenkai* pelas famílias de imigrantes e de descendentes na colônia

japonesa de Ivoti, preserva as características culturais da festividade originada no Japão. No entanto, é válido mencionar também que, seguindo as tradições culturais presentes no Brasil, as famílias de imigrantes japoneses, principalmente aqueles convertidos para religiões cristãs, também tinham presente o Natal em seus calendários festivos. Isso é evidenciado por Schneck (2021), ao compartilhar suas vivências do período em que conviveu com uma das famílias da colônia, em 1976, e que participava das festas natalinas oferecidas por ela, como encenação de um presépio vivo, cultos e outras atividades voltadas às crianças:

A família era evangélica luterana e havia uma senhora que fazia missão em alguns bairros. Ela nos animou a participar. Fazíamos um lindo pinheiro, a encenação tinha animais de verdade. Vários japoneses participavam da celebração. Era lindo! (SCHNECK, 2021).

No entanto, o ano novo se mostra mais significativo quanto à interação entre a comunidade. Segundo os relatos dos entrevistados, a manhã do dia primeiro de janeiro é reservado para a comemoração da colônia e conta com a participação da maioria. Segundo Ichiro, “cedo da manhã soltam dois rojões para fazer barulho e acordar o pessoal na colônia, para saber que tem que ir” (SATO, 2021). Durante o almoço, são servidos os pratos tradicionais japoneses para o ano e, também, o churrasco tradicional brasileiro.

O *shinnenkai* possui, portanto, suas particularidades tanto no âmbito privado quanto no público, pois é uma data festejada em família, mas também possui grande significado para comunidade. Percebe-se pelos relatos que mesmo que algumas tradições sejam esquecidas pelas gerações mais novas, ainda há uma preocupação entre os moradores da colônia japonesa de Ivoti em manter os ritos e símbolos que fazem parte das atividades de ano novo na colônia e que fazem parte da organização local, como uma forma de reforçar o pertencimento ao grupo.

Essas manifestações culturais aqui tratadas, o *Undokai* e *Shinnenkai*, são comemorados todo ano na colônia japonesa de Ivoti, atravessando as transformações que a comunidade passou ao longo de seus anos. As festividades podem ter passado por adaptações e mudanças, mas ainda possuem significados vinculados a socialização e transmissão de símbolos considerados importantes e relacionados aos elementos identitários que permeiam o sentimento de pertencimento e de compartilhamento de um lastro cultural que serve como esteio da comunidade nipônica situada em Ivoti, localidade fortemente marcada pela colonização germânica.

Considerações Finais

A partir da política de incentivo da entrada de mão de obra estrangeira no Brasil vigente no século XIX e início do século XX, a presença de imigrantes nipônicos tornou-se uma realidade no Brasil. O Rio Grande do Sul, a exemplo de outros estados brasileiros como São Paulo e Paraná, também contou com a entrada de imigrantes japoneses. A partir de 1964, no Vale do Rio dos Sinos, região do país reconhecida como espaço de imigração germânica, na localidade de Ivoti, formou-se a maior colônia nipônica do estado sul-rio-grandense vinculada, principalmente, ao trabalho agrícola e a produção de hortifrutigranjeiros através de associações e cooperativas.

Como forma de socializar e compartilhar símbolos e significados vinculados a cultura japonesa, as festividades tornaram-se fundamentais para valorizar e propagar a cultura nipônica com seus significados e vincular o presente ao passado, trazendo à tona vivências, memórias e saberes acerca dessa cultura. Neste estudo foi apresentado duas festividades relevantes contempladas no calendário da comunidade japonesa presentes no município de Ivoti.

O *Undokai* e *Shinnenkai* são manifestações culturais que se relacionam com a memória e identidade do grupo de imigrantes ao qual estão ligadas e, também, aos demais moradores da colônia de Ivoti. Elas representam a comunidade e servem como forma de fronteira social que delimita o pertencimento ao grupo.

Estas festas na colônia de Ivoti, ligadas ao corpo através das gincanas esportivas do *Undokai*

e à religiosidade dos festejos do *Shinnenkai*, fortalecem as identidades dos moradores na medida em que reproduzem e transmitem valores, elementos e trocas culturais e objetivos em comum para a comunidade, assim como reafirmam a identidade japonesa, uma vez que a colônia se encontra dentro de uma região de predominante colonização germânica.

Referências

CARDOSO, R. C. L. **Estrutura familiar e mobilidade social**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1972.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DILLY, G.; GEVEHR, D. L. Para não espetacularizar o passado: memória, identidade étnica e educação patrimonial na construção do Memorial da Colônia Japonesa de Ivoti. In: **Revista do Desenvolvimento Regional**, Taquara, Faccat, v. 11, n. 2, jul./dez. p. 55-70, 2014.

GAUDIOSO, T. K. A trajetória da imigração japonesa no Rio Grande do Sul e a política de reconstrução do Japão após Segunda Guerra Mundial. In: **Encontro Estadual de História – ANPUH-RS**. Santa Cruz do Sul: ANPUH-RS, 2016. Disponível em: <http://www.eeh2016.anpuh-rs.org.br/site/anaiscomplementares#T>. Acesso em: 21 de jan. 2021.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003

HANDA, T. **O imigrante japonês: história de sua vida no Brasil**. São Paulo: T. A. Queiroz: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

HAYASHI, N. Nelson Hayashi: depoimento [jan.2021]. **Entrevistadora: G.A.L.Dai Prá**. Entrevista concedida para dissertação de mestrado.

KUSSLER, L. Leonardo Kussler: depoimento [nov.2021]. **Entrevistadora: G.A.L.Dai Prá**. Entrevista concedida para dissertação de mestrado.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LEDUR, J. A. **Práticas corporais na Colônia Japonesa de Ivoti, Rio Grande do Sul (década de 1980 à década de 2010)**. 2017. 136 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2017.

NORA, P. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, C. B. de; MARTINS, F. E. M. **Imigração Japonesa no Rio Grande do Sul – Colônia de Ivoti [DVD]**. PROJETO Mídia, Imprensa e Eletrônica. Novo Hamburgo: TV Feevale, 2008.

POLLAK, M. Memória e identidade social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. p. 200-212. (1/15)

PORTELLI, A. História oral como gênero. In: **Projeto História**, São Paulo, jun. 2001. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/10728/7960>. Acesso em: 11 jun. 2020.

SAID, E. W. **Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SATO, A. de J. Undokai: a construção de identidade étnico-cultural em torno da niponicidade. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, jul. 2011. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1308075108_ARQUIVO_ANPUH-USP.pdf. Acesso em: 01 out. 2019.

SATO, I. Ichiro Sato: depoimento [nov.2021]. Entrevistadora: G.A.L.Dai Prá. Entrevista concedida para dissertação de mestrado.

SCHNECK, A. Andrea Schneck: depoimento [nov.2021]. Entrevistadora: G.A.L.Dai Prá. Entrevista concedida para dissertação de mestrado.

TAKEUCHI, M. Y. **Japoneses: a saga do povo do sol nascente**. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Lazuli Editora, 2007.

UNDOKAI. **Jornal Diário de Notícias**, Porto Alegre, p.5, 29 abr. 1965 ; p.6, 23 abr.1969.

UNDOKAI. **Jornal NH**, Novo Hamburgo, p.10, 22 abr. 2017.

WAGNER, D. M. K. **Ivoti - o que foi... como é...** Ivoti: Amstad, 1997.

WEBER, M. **Conceitos sociológicos fundamentais**. São Paulo: Edições 70, 2019.

WEBER, R. **As Comemorações da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul: O “25 de julho” em São Leopoldo. 1924/1949**. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2004.

Recebido em 6 de abril de 2022.
Aceito em 28 de novembro de 2022.